



Aliança de Controle do Tabagismo

<http://www.actbr.org.br>

AS MENTIRAS EXPOSTAS DA INDÚSTRIA DO TABACO

Baseado no texto Tobacco Control Legal Consortium, *The Verdict Is In: findings From, United States v. Philip Morris, Secondhand Smoke* (2006)

Em 2006, foi proclamada a sentença da ação que o governo dos Estados Unidos moveu contra a Philip Morris e outras representantes da indústria do tabaco (United States v. Philip Morris)¹, desde setembro de 1999.

Dentre as varias questões abordadas na decisão, tais como supressão de informação, publicidade para os jovens e dependência, a sentença reconheceu, através de provas contundentes, as práticas da indústria com o objetivo de enganar a opinião pública sobre os malefícios do fumo passivo.

Segundo a Juíza Gladys Kessler, os réus sempre negaram publicamente que a fumaça do cigarro (PTA, Poluição Tabagística Ambiental) traz riscos aos não fumantes. As provas analisadas pela sentença, contudo, demonstram que a indústria não só sabia há tempos dos riscos da fumaça do cigarro para não fumantes como considerava que esta informação poderia afetar negativamente seus lucros.

Apesar de ter se comprometido a apoiar investigações com relação ao fumo passivo, a estratégia da indústria, segundo a sentença, incluía enfraquecer o desenvolvimento de pesquisas independentes, financiar pesquisas favoráveis à sua posição e reduzir a importância de resultados que lhe fossem desfavoráveis.

Ainda hoje a indústria mantém as estratégias para negar a extensão dos riscos do fumo passivo, conforme evidenciado pela decisão norte-americana.

DESDE QUANDO A INDÚSTRIA SABIA DOS MALES?

Com a publicação de três relatórios² nos EUA em 1986, formou-se consenso na comunidade de saúde pública e científica sobre os riscos e doenças causados pelo

¹ Os demais réus na ação eram: R. J. Reynolds Tobacco Co., atualmente Reynolds American ("RJR"); Brown and Williamson Tobacco Co., atualmente parte da Reynolds American ("B&W"); Liggett Group, Inc. ("Liggett"); American Tobacco Co., incorporada pela Brown & Williamson, e atualmente parte da Reynolds American ("American Tobacco"); Philip Morris Cos., atualmente Altria ("Altria"); B.A.T. Industries p.l.c. ("Bat Ind."), atualmente parte da BATCo, British American Tobacco (Investments) Ltd. ("BATco"); The Council for Tobacco Research – U.S.A., Inc ("CTR"); The Tobacco Institute, Inc ("TI").

² Tratam-se de três relatórios científicos reconhecendo as consequências adversas do fumo passivo para a saúde humana: 1. The Surgeon General's 1986 Report; 2. Environmental Tobacco Smoke, *Measuring Exposure and Assessing Health Effects*, produzido pelo National Research Council of the National Academy of Sciences, e 3. Tobacco Smoking, relatório produzido pela World Health Organization's International Agency for Research on Cancer (IARC).

fumo passivo. No entanto, a partir de 1961 a indústria já detinha estudos demonstrando que 84% da fumaça do cigarro são formados pela corrente secundária da fumaça, que contém substâncias cancerígenas.

Com o aumento das evidências desde a década de 70, a indústria passou a temer (1) restrições ao fumo em lugares públicos, (2) a diminuição da aceitação social do hábito de fumar e (3) a redução do número de novos fumantes, fatos que conseqüentemente atingiriam seus lucros.

Evidências dessa preocupação encontram-se em declarações feitas pelos dirigentes das companhias de tabaco, nas décadas de 1970 e 1980, de que o fumo passivo seria a principal ameaça à indústria tabagista, podendo reduzir o número de novos fumantes sem os quais não poderia sobreviver e de que as restrições ao fumo decorrentes dos riscos do fumo passivo poderiam levar a um virtual fim do hábito de fumar.

A ESTRATÉGIA DA INDÚSTRIA

A resposta da indústria, através de ações articuladas em nível internacional, foi a implementação de uma série de estratégias com o fim de enfraquecer e distorcer as evidências do risco à saúde causado pelo fumo passivo buscando enganar o público, desvirtuar os registros científicos, evitar que as agências governamentais descobrissem fatos contrários aos seus interesses e impedir restrições ao fumo em áreas fechadas. Em seus documentos internos, contudo, ela reconhece que a fumaça do cigarro traz riscos a não fumantes.

A indústria passou a apoiar publicamente pesquisas independentes sobre o vínculo entre fumaça do tabaco e doença. Seu propósito, contudo, foi convencer o público americano de que não haveria risco associado ao fumo passivo. Na verdade, a indústria não só buscou enfraquecer pesquisas independentes, como financiou pesquisas que tivessem resultados favoráveis aos seus argumentos.

AS SOLUÇÕES ENGANOSAS

Em um encontro do comitê de comunicação do Instituto do Tabaco³, em 1988, ficaram definidos os objetivos do “esforço” conjunto para lidar com a ameaça do fumo passivo: frustrar ou reduzir qualquer restrição ao fumo e diminuir a velocidade do declínio à aceitação social ao cigarro. Para tanto, a indústria financiou a criação do Centro de Pesquisa do Ar em Ambiente Interno (Center for Indoor Air Research – CIAR), além de pesquisadores e mídia. Entre 1988 e 1999, o CIAR financiou cerca de 250 publicações de revisão externa de pesquisa (peer-review) ao custo de cerca de 60 milhões de dólares. Um acordo de novembro de 1998, entre as empresas de tabaco e estados norte-americanos⁴, definiu a dissolução do CIAR dentro de um prazo de 45 dias, mas tal dissolução só ocorreu oficialmente quase um ano depois. Durante esse período o CIAR continuou financiando pesquisas favoráveis à indústria. Em fevereiro de 1999, mais 3,5 milhões de dólares foram designados para novas pesquisas⁵.

³ O Tobacco Institute é a instituição de fachada da indústria do tabaco, criado para difundir conhecimento sobre o tema. Na verdade, sua função é fazer lobbying para evitar medidas abrangentes de controle do tabagismo.

⁴ Master Settlement Agreement – MAS

⁵ Uma das provas de que o CIAR continuou com suas atividades após o acordo para sua dissolução foi a publicação de um texto de seu consultor Roger Jenkins com Max Eisenberg, seu antigo diretor executivo. A publicação tratava da composição e medida da fumaça do tabaco no meio ambiente e continuava colocando em dúvida os já conhecidos efeitos do fumo passivo e reduzindo sua importância na poluição de ambientes fechados.

Através da criação de uma rede mundial de consultores e organizações⁶, a indústria do tabaco recrutou e treinou consultores, instituindo uma estrutura de consultores aparentemente independentes para defendê-la, influenciar a opinião pública, governos e cientistas, e criar a impressão de que existia controvérsia científica sobre os efeitos do fumo passivo. Através desse programa global de consultoria, a indústria promoveu simpósios internacionais sobre o tema para divulgar os trabalhos de pesquisadores “favoráveis” e sem revelar que os financiava. Também promoveu uma campanha nacional, nos Estados Unidos, e internacional para criticar e diminuir a importância dos estudos científicos que demonstravam os riscos à saúde e malefícios da fumaça do cigarro aos não fumantes e fumantes.

A sentença conclui que os réus negaram pública e falsamente os riscos da fumaça do cigarro para não fumantes, inclusive nos autos do processo. Ainda hoje, em suas páginas eletrônicas, a conduta da indústria é no sentido de não reconhecer que a fumaça do cigarro causa doenças e outros danos à saúde dos não fumantes, negando, não deixando claro ou fazendo crer que ainda existe controvérsia científica sobre o tema.

⁶ ETS Consultancy Program